

CAPÍTULO 07

BONECAS NÃO FALAM



Imagem retirado do anime: Ao Haru Ride.

Uma brisa suave entrava pela janela quando a nova aluna apareceu. Um brilho se ergue entre os meus olhos, pois aquela garota era diferente do que todas as outras da sala. Não se enturmava com ninguém, sempre com o seu capuz escondendo a maior parte de seu rosto e sem contar que não diziam nenhuma palavra.

- Carlos? Estava pensando naquela garota muda de novo? - Voltei a focar os meus olhos ao que estava em minha frente, era o meu melhor amigo Ricardo.

- Eai Ricardo, o que estava falando mesmo?

- Porque entre todas as garotas, você está interessado na muda? Qual era o nome dela mesmo?

- Helena e não estou interessado nela, só acho estranha uma garota ficar se escondendo assim de todos, mesmo sem poder falar.

- Pode ser vergonha, você sabe. Meninas ficam com tanta vergonha do nada. E além do mais, se está interessado nela é só falar com ela. – Disse Ricardo se exibindo como sempre, mas será que ela vai aceitar a minha amizade?

- Alunos, vamos fazendo suas duplas para a nossa atividade de hoje. Vamos ver.... alguém gostaria de fazer dupla com a Helena hoje? - Disse a professora com um pouco de preocupação, pois ninguém se voluntariou. Levantei respirei fundo e disse:

- Professora, eu posso fazer com a Helena? - A sala toda se virou. Ninguém acreditava nas minhas palavras, principalmente por eu ser um dos alunos mais descolado e conhecido no colégio. A professora acenou com a cabeça e me sentei ao seu lado. Era aula de matemática e eu sou péssimo nisso.

- Oi Helena... – Sem nenhuma resposta. Sou tão ruim assim com as mulheres para ela nem me dá um oi? Olhei para o caderno e não estava consigo entender aquelas malditas contas, nem sei por onde como começar. Até que a ponta do lápis bateu no meu caderno e ela escreveu uma mensagem para mim: “Você não vai fazer?” Fiquei muito feliz que ela respondeu, então escrevi como resposta: “Eu sou péssimo em matemática.” Então ela virou-se e mostrou o seu caderno e começou a me explicar indicando com o lápis. Naquele momento pude ver um pouco seu rosto. Era pálido, mas com olhos verdes com um tom amarelado, mas foi tão rápido que nem deu tempo de observar, mas era lindo. Acabando a primeira aula, me levantei e disse:

- Muito obrigado Helena! - Ela acenou com a cabeça, mas continuava sem nenhuma reação.

Depois das outras aulas normais e com o intervalo, ainda não havia nenhum contato entre a gente, até a aula de música que seria a primeira vez que ela participaria. Quando chegamos me aproximei e percebi que ela estava segurando seu caderno. “Talvez seja para ela se comunicar”, pensei:

- Sabe tocar algum instrumento Helena? - Terminando essas palavras ela apontou com o dedo para a guitarra. Fiquei impressionado, nunca vi uma garota tocar guitarra, pelo menos nesse colégio. Ela se levantou pegou a guitarra e começou a tocar, todos ficaram surpresos, principalmente o professor e depois daquela apresentação fantástica, me decidir se aproximar mais daquela garota sombria.

Passaram-se algumas semanas e comecei a se aproximar mais de Helena. No começo nem todos concordavam com aquela amizade, até soube que ela sofria bullying e mesmo assim continuava calada. Não aceitei e comecei a protegê-la pelos insultos, mesmo ela negando. Minha desculpa foi dizer: “somos amigos e amigos protegem os outros”, mas na realidade. Meus sentimentos por ela me fazem querer proteger e cuidar dela:

- Bom dia Carlos, vejo que você e a Helena estão se dando muito bem. - Disse a professora ao meu encontro nos corredores da escola.

- Sim, professora.

- Bem, você sabe de alguma coisa sobre os pais da Helena?

- Não, por quê?

- Tentei marcar uma reunião com os pais, mas mesmo que eu pergunte para ela, ou ligue para eles sempre dá caixa postal. Fico preocupada com Helena e gostaria de conhecê-los para ver como andam o desenvolvimento dela fora da escola.

- Se a senhora quiser eu vejo para perguntar pra ela.

- Seria ótimo Carlos. Desculpa tomar o seu tempo. - Acenei e acabei voltando para sala, estava começando a ficar preocupado com o que a professora disse, sobre a Helena e nunca parei para pensar em como são os pais dela.

Terminando a aula, Helena se aproximou de mim e entregou um pedaço de papel escrito "Você pode me acompanhar? Quero te mostra uma coisa." Fiquei animado ultimamente estava acompanhando-a até a esquina, mas fiquei surpreso com aquilo. Terminei de me arrumar e saímos do colégio e andamos um pouco até chegar a um bosque um pouco longe da cidade. Pensei em falar algo, mas ela está tão determinada que não quis acabar com aquele brilho em seu olhar. No final daquele caminho sombrio, chegamos a uma casinha de madeira e era algo incrível. Uma sala cheia de livros, desenhos, caixa de som e tinha alguns instrumentos músicas (guitarra, violão, pandeiro, um cajon, e tinha um instrumento pequeno que nunca tinha visto). Quando me agachei para pegar aquele instrumento estranho, rapidamente ela pegou entre minhas mãos. Aquele movimento, pude ver um pouco seu braço direito, mas parecia que tinha cortes ou algo assim:

- Helena, você...? - Antes que eu perguntasse a respeito de seu braço, me interrompeu apontando para um cartaz na parede escrito "Kalimba".

- Esse é o nome do instrumento? - Ela acenou com a cabeça, com um sorriso.

- Helena, nós somos amigos certo? Você sabe que pode me contar qualquer coisa né...? - Olhei sério para ela e aquele pequeno sorriso se desfez com um sentimento de dúvida pela minha pergunta repentina.

- Essas cicatrizes em seu braço... Você...? - Antes de eu continuar, ela correu para fora e ao ir atrás dela, peguei pelo seu braço. Em momento de luta acabei puxando a manga de sua blusa e acabei vendo seu braço esquerdo, pálido com vários cortes costurados com uma linha de lã vermelha. Fiquei paralisado ao ver seu estado durante seu choro. Foi a primeira vez que vi o som dela. Sua lágrimas começaram a limpar o seu rosto cheio de maquiagem, onde começou a aparecer alguns cortes pequenos e marcas roxas entre os cantos de sua bochecha e maxilar.

- Quem fez isso com você? Foram os seus pais? Me responde Helena! - Ela apenas enxugou suas lágrimas desviou-se o olhar e continuou a correr.

Corri atrás o máximo que eu pude até chegar em um bairro, parecia abandonado e na última casa em uma rua sem saída, lá estava ela com os seus cabelos loiros balançando junto ao vento. Colocou-se seu capuz e entrou naquela casa. Essa é a casa da Helena? Se realmente for os pais dela. Eu preciso ligar pra polícia. coloquei a mão no bolso, mas deixei meu celular na cabana. O que eu faço? Devo voltar e ligar para as autoridades? Ou devo tirar ela de lá e salvar dos próprios pais? Respirei fundo e me decidir.

Estava quieto e escuro, como se ninguém estivesse lá. Até que no meio daquela escuridão, uma mão delicada me agarrou e puxou no ao canto da sala. É a Helena com uma vela entre sua mão direita. Ela estava com uma expressão de brava e preocupada:

- Helena eu vim te buscar. Aqui é perigoso, vamos!

-Shhhhhhh. – Helena sinalizou-se para ficarmos em silêncio. Ao mesmo instante sons de chaves foi ouvida do lado de fora da casa. Com um sopro leve e sem vida, apagou a chama da vela e a escuridão começou a tomar conta da minha visão. Helena começou a me guiar com sua mão delicada até embaixo da escada que leva aos quartos no cômodo superior:

- Lena? – Uma voz com um tom grosso de uma mulher ecoou entre o silêncio da casa, enquanto ligava a luz da sala de estar. Continuei escondido apenas observando, enquanto Helena se aproximava da sala.

- Por que demorou tanto minha bonequinha? Você sabe que eu não tolero atrasos. – Eu conseguia ver as sombras das duas, ela deve ser a mãe da Helena.

- Amor? – Outra voz saiu com passos pesados, era um homem, mas ainda não consigo ver eles.

- Querido, eu pensei que ontem tínhamos ensinado uma lição para ela, mas essa bonequinha aqui é muito ingrata. Hoje recebi de novo uma ligação da escola. Acho que está aprontando de novo. – Via a sombra de Helena acenando para os lados negando-os até um som de tapa é alcançado em meus ouvidos, fazendo cerrar os punhos por impulso.

- Está negando sua mãe? Essa tapa nem chega ao castigo que você merece. Sua imunda. – Confirmou o homem. Acabei-me abaixando pela aproximação da silhueta do casal passando entre a porta da cozinha em frente as escadas. Helena aparece logo atrás e consigo ver sua bochecha direita vermelha pelo tapa. Fez um sinal de silêncio com um sorriso vago e deu um tchau, sumindo de vista. Cautelosamente comecei a seguir, em direção ao porão e pelo vão da porta consigo ver Helena amarrada em uma mesa com um pano em sua boca, aguentando os chicotes de seu pai e a costura de sua mãe em seu joelho com uma lã vermelha. Lágrimas caíam em meus olhos junto com a boca seca e suor gelado entre minha testa. Vou chamar ajuda. Prometo.

Respirei fundo e subi a escada, até que um som do rangido da escada se alastrou. O barulho das chicotadas parou e o desespero correu pelo meu corpo. Esperei para

ver até o barulho das chicotadas voltasse e com alívio continuei a subir. Chegando ao corredor vi um celular na mesa da cozinha:

- Central de Emergência, como posso ajudar?

- Preciso de ajuda por favor, minha amiga está sendo torturada pelos próprios pais!

- Calma jovem, qual é o seu nome?

- É Carlos. Vocês precisam vim rápido eles estão no porão torturando a Helena.

- Ok Carlos, se acalme, você sabe onde está?

- Não, eu não moro aqui, é a última casa de uma rua sem saída perto do bosque do colégio Berlitz. Por favor, venham logo, eles não sabem que estou aqui. Acho que eles sabem que estou aqui. - Começo a ouvir um silêncio. Os chicotes pararam.

- Carlos, presta atenção. Não desliga o telefone, usarei para achar sua localização. Quero que vá e se esconde. Logo a polícia chegará aí. - Começo a ouvir passos, vou me esconder no quarto no andar de cima. Subi as escadas, deixei a chamada no mudo, escondi o celular entre o armário e fui para baixo da cama. Luzes foram acessas e vejo a silhueta de um homem, caminhando lentamente ao redor da cama, até sentir minhas pernas sendo puxadas para fora. Durante a minha resistência, ao sair, sinto uma pancada forte em minha cabeça e acabo desmaiando.

Abro meus olhos lentamente, onde estou? Levanto minha cabeça e vejo a Helena acorrentada ao meu lado chorando. Tento me aproximar, mas minhas mãos também estão presas:

- O que faremos com esse garoto? - perguntou o pai de Helena.

- Minha bonequinha você conhece esse garotinho? - Disse a mãe dela acariciando seu rosto.

- Não encosta suas mãos sujas nela! - Gritei.

- Ohhhh que garoto sem modos. Bem, por sua arrogância não podemos simplesmente eliminá-lo, o que você acha meu amor de dar uma liçãozinha nele?

- Eu acho uma ótima ideia.

- O que vocês vão fazer? - Meu coração começou a acelerar.

- Huum, então garoto por onde você quer começar? Pelas suas pernas ou seus braços? - Perguntou a mãe, com um sorriso bizarro.

- Vão se fuder! - Resendi com um sorriso no rosto, mesmo com medo. O pai segurando uma lâmina se aproximou e começou a cortar meu joelho lentamente. Uma dor intensa se espalhava entre o meu corpo, como se estivesse desossando uma carne, até que ouvimos batidas na porta. Aquela mulher amarrou a minha boca com uma corda e o pai foi verificar quem era.

- Minha bonequinha, você quer salvar o seu amiguinho? Então trate de ser boazinha e ajudar o seu pai com a visita. - Acenou com a cabeça limpando suas

lágrimas e subiu, após sua mãe tirar suas correntes. Negava com a cabeça fazendo gemidos para impedi-la, porém são interrompidos pela faca em minha garganta.

- ...Recebemos uma ligação e viemos verificar, essa área. Tem alguém com o senhor? - Relatou os dois policiais desconfiados.

- Só sou eu, minha esposa e filha - Disse o senhor nervoso, enquanto Helena se aproximava.

- Essa é sua filha? Olá, querida, qual é o seu nome? - Perguntou um dos policiais se aproximando de Helena.

- O nome dela é Helena e infelizmente ela é muda. - Helena estava suando de nervoso, apenas com as duas mãos uma na frente deitado e com a outra aberta fez um sinal direcionando para baixo. como se estivesse dizendo algo.

- Entendo. – Disse o policial se afastando dela, um pouco desconfiado.

- Bem se souber de algo, pode nos informar e desculpa pelo incômodo. – Terminando as palavras os dois policiais saíram, mas um deles olhou para Helena e uma lagrima escorreu no momento que fechava a porta. Eles estavam desconfiados, mas aparentemente se afastaram daquela casa.

Ouvi o som da porta se abrindo e era a apenas a Helena, chorando com o rosto vermelho, mas acenou confirmando que os policiais foram embora. O pai dela deve ter dado tapas em seu rosto novamente e eu não pude fazer nada...

- Que linda minha bonequinha, já que partiram e você foi uma boa menina, irei deixar você ir ao seu quarto mais cedo está noite e depois converso com seu pai. Agora vou cuidar do machucado do seu amiguinho. Um novo bonequinho. - Disse a mãe, com um olhar frio, tirando do bolso a agulha com a lã vermelha. Helena não esperou a oportunidade, pegou um pedaço de metal que estava na beira da porta e bateu na nuca da sua própria mãe e tirou a corda que estava na minha boca:

- Helena você...

- Shhhhhhhh. – Interrompeu Helena, pegando a chave e começou a tirar as correntes e com um pedaço da sua roupa amarrou em meu joelho para estancar o sangramento, senti uma pontada intensa da dor, mas me segurei para não gritar e chamar atenção, principalmente pelo seu pai que ainda não desceu. Me ajudou a se levantar e começamos a tentar subir a escada até que... o pai dela apareceu no encontro.

O olhar de ódio com os punhos cerrados, conseguia decifrar seu próximo ataque e ao mesmo tempo empurrei Helena para o lado e recebi seu soco que acabou nos desequilibrando e caindo da escada. Vários chutes, xingamentos e socos estavam sobre mim e o sangue da minha perna jorrava ainda mais pelo chão e minha visão começou a ficar turva:

- PA.... PAI! PARE POR FAVOR! - Pera essa voz é da Helena? Talvez seja loucura pela falta de sangue... a escuridão tomou conta e desmaiei.

- Carlos?! - Abro meus olhos, e continuo a ver aquele lindo rosto pálido, mas com um sorriso, encantador. - Ainda bem que você está bem. - Disse ela com lágrimas aos olhos. Ela está falando? Aquilo foi tudo um sonho? Olhei para os lados, eu estou no hospital?

- Por que você me seguiu? Por que foi na minha casa? Se os policiais não... tivessem chegado... vo... cê teria... – Disse Helena com os seus lábios trêmulos e lágrimas escorrendo no seu rosto.

- Porque eu gosto de você e naquele momento, quando eu vi os seus olhos e suas feridas. Eu não podia deixar você assim. - Um abraço e choros rolaram em todo quarto, finalmente aquela garota, estranha do rosto triste e pálido se foi. Senti um pouco de dor, mas eu podia suportar, principalmente pelo abraço da garota que eu amo.



Imagem retirado do Kanao Tsuyuri, sad demon slayer HD wallpaper.

Um ano se passou desde aquela tragédia, a professora de matemática que ficava sempre preocupada à adotou Helena e claro que foi surpreendente, quando souberam que ela não era muda. Agora, Helena passou-se a ser uma garota alegre e cheia de vida. O pai dela está preso e com certeza vai acabar pelo resto de sua vida, enquanto a sua mãe misteriosamente está desaparecida.

- Carlos, você trouxe a kalimba? - Disse a Helena toda sorridente e preocupada.

- Eita, eu esqueci na sala eu pe...

- Deixa eu vou buscar, enrola o professor. - Me interrompeu com um sorriso e partiu sem me avisar. Quando ela voltou o seu sorriso escureceu e seu rosto se tornou-se pálido, como se tivesse visto um fantasma:

- Helena o que houve? Você está pálida.

- Eu vi....

- Viu o que? - Perguntei preocupado então ela se aproximou e sussurrou.

- ... minha mãe.

~~DEPOIS DO SILÊNCIO, O QUE MAIS SE APROXIMA DE EXPRESSAR O
INEXPRIMÍVEL É A MÚSICA.~~

~~—ALDOUS HUXLEY~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Listen - Sent by Ravens.